

**CEDI**

**Povos Indígenas no Brasil**

Fonte: Journal do Brasil Class.: PIX - Prod Cultural  
 Data: 27/07/88 Pg.: 630

# Índios na guerra do cinema

Getúlio Malta

**B**RASÍLIA — Os índios da região do Alto Xingu estão novamente em pé de guerra. Uma guerra pacífica, desta vez. Para vencer o invasor branco — representado pela Guerra Filmes Ltda., a produtora do cineasta Ruy Guerra que há 20 dias filma *Kuarup* no Parque Nacional do Xingu — os indígenas optaram por uma estratégia revolucionária para quem sempre resolveu suas pendengas com borduna, tacape e arco e flecha: a greve, como uma forma de resistência pacífica. Eles simplesmente se recusam desde a semana passada a participar das filmagens de *Kuarup*, em protesto pelas condições que lhe são impostas pelo contrato firmado entre a Funai e a produtora de Ruy Guerra.

“É um contrato imoral, lesivo às comunidades indígenas da área”, afirma o vice-presidente do Conselho Nacional de Direitos Autorais, Hildebrando Pontes Chaves. “Mais do que isto, atenta contra os costumes e as tradições seculares dos indígenas”, acrescenta o índio Jorge Terena, gerente de Projetos da Cultura indígena do Missionário da Cultura. “A Funai e a Guerra Filmes estão explorando o índio, transformando o Parque Nacional do Xingu numa área de piqueniques”, arremata o lendário cacique Aritana, chefe da aldeia os Iawlapiti, onde a produção do *Kuarup* instalou seu acampamento.

A própria Consultoria Jurídica da Funai admite que o contrato de cessão de direitos autorais e de imagens firmado com a Guerra Filmes chega às raias do absurdo. “Não tem data, não especifica o prazo de validade e não há nele nenhuma cláusula que resguarde os direitos autorais e de cessão de imagem dos índios. Não acredito que o presidente da Funai, Romero Jucá, o tenha lido, antes de assiná-lo”, diz o advogado João Belmiro Chaves, que trabalha há 20 anos na Consultoria Jurídica do órgão.

Segunda-feira, a comunidade indígena, representada pelo cacique Aritana e o índio Jorge Terena, esteve reunida em Brasília com o procurador da Guerra Filmes, o cineasta Mair Barbosa Tavares, tentando resolver o impasse. Na mesa de negociações, que teve como mediador o vice-presidente do CNDA, Hildebrando Pontes, os índios colocaram suas reivindicações: remuneração pelo direito de imagem, que não estava prevista no con-

*Em protesto por melhores condições de trabalho, os índios do Alto Xingu paralisam o filme Kuarup*



trato original; melhor pagamento pela participação como “figurantes” (pelo contrato seriam Cz\$ 1.200,00 para cada habitante da aldeia Yawalapti — muito aquém do que é pago nos centros do Rio e São Paulo) — e remuneração pela locação das áreas indígenas.

O cineasta Mair Tavares concordou, a princípio, no atendimento de todas as reivindicações e ficou de apresentar ainda esta semana ao CNDA e à Funai a minuta de um novo contrato. A comunidade indígena do Xingu decidiu, por sua vez, manter paralisadas as filmagens até que seja fechado um novo acordo. O diretor Ruy Guerra e sua equipe, enquanto isso, irão filmar em Aripuanã e Recife, para não atrasar ainda mais a produção de *Kuarup*, orçada em US\$ 2 milhões.

## Revolta sob os refletores

**B**RASÍLIA — Uma das cláusulas do contrato entre a Funai e a Guerra Filmes que mais revolta a comunidade indígena do Xingu é aquela que prevê que “cada aldeia que comparecer ao *Kuarup*, com o mínimo de 50 índios, e permanecer pelo período de cinco dias, receberá Cz\$ 260.000,00”. Para Jorge Terena, isto se constitui num grande desrespeito aos costumes dos índios xinguanos: “Qualquer um que conheça a cultura da área sabe que *Kuarup* é uma festa sagrada, que tem sua duração delimitada em 24 horas”.

O cacique Aritana explica que o *Kuarup*, que deu origem ao romance de Antonio Callado, no qual é baseado o filme de Ruy Guerra, é uma cerimônia em homenagem aos mortos, “de muito significado para todas as tribos do Xingu”. Através da cerimônia, a comunidade procura libertar as almas dos mortos homenageados que, depois disto, encontrarão o paraíso. O *Kuarup* “é ainda dividido em muitas partes e rituais, segundo Aritana, mas sempre termina com o Huka-Huka — uma luta onde os participantes jamais podem tocar com os joelhos no chão.

“Não bastasse dezenas de brancos invadirem nossas terras com máquinas e antenas parabólicas, construírem até mesmo lanchonetes, o que descaracteriza o Parque do Xingu, ainda exigem que a comunidade indígena transforme os seus hábitos, agredindo uma das principais manifestações da cultura da área, que é o *Kuarup*”, critica Terena.